

RESGATANDO A HISTÓRIA DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

RESCUING THE HISTORY OF THE BRAZILIAN LINGUISTIC ATLAS

Maria do Socorro Silva de Aragão

Resumo:

Esse trabalho destaca o desenvolvimento e expansão da pesquisa dialetológica no Brasil, comparando os estudos pioneiros, geralmente monodialetais, com os atuais quando as transformações históricas, socioeconômicas e culturais impulsionaram tais estudos em direção à variação linguística em diferentes dimensões: diatópica, diastrática, diageracional, diassexual e diafásica.

Palavras Chaves: Linguística comparada; dialetologia; ALiB

Abstract:

This work highlights the development and expansion of dialectological research in Brazil, comparing the pioneering studies, usually monodialectals, with the current ones when the historical, socioeconomic and cultural transformations propelled these studies towards linguistic variation in different dimensions: diatopic, diastratic, diagerational, diassexual and diaphasic.

Keywords: *Comparative linguistics; dialectology; ALiB*

Introdução

A Dialetologia no Brasil, apesar das dificuldades pelas quais tem passado, especialmente com a pouca quantidade de pessoal qualificado dedicado a estes estudos, da falta de interesse das instituições e da conseqüente falta de recursos, continua a se expandir, não só quantitativamente, mas qualitativamente, incluindo em seus estudos, além dos aspectos diatópicos, os aspectos diastráticos e diafásicos.

O trilhar desse caminho só tem sido possível graças ao esforço de um grupo de abnegados pesquisadores que fizeram da Dialetoologia e especialmente da Geolingüística, o objetivo maior de suas pesquisas.

1. Retrospectiva

Os estudos dialetológicos em sentido amplo, e a Geografia Linguística em particular, não têm ainda tradição muito firmada no Brasil.

Apesar do esforço de um grupo de pioneiros, como os professores Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes e Cândido Jucá Filho inicialmente e, posteriormente, dos professores Sílvio Elia, Celso Ferreira da Cunha, Nelson Rossi e Heinrich Bunse, poucos são os cursos de Dialetoologia e Geografia Linguística em nossas universidades.

O professor Serafim da Silva Neto, um desses pioneiros, iniciou seus cursos de Dialetoologia em 1951, na Universidade de Minas Gerais. Em 1953, fundou, no Museu Nacional do Rio de Janeiro, o Centro de Estudos de Dialetoologia Brasileira, e em 1954, ministrou curso de Dialetoologia na Universidade do Rio Grande do Sul. Ainda em 1954, no 2º Colloquium de Estudos Luso-Brasileiros, em São Paulo, propôs uma série de passos a serem dados para a concretização do estudo dos nossos falares. Em 1955, ministrou na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro um curso sobre a técnica das monografias dialetais. Em 1958, o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia publicou a 2ª edição melhorada e ampliada de sua obra “Guia para Estudos Dialectológicos”, resultado de uma série de cursos e conferências proferidas na Faculdade Catarinense de Filosofia.

Como resultado desses cursos e da pregação do prof. Silva Neto, o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa, através de sua Comissão de Filologia, propôs como um de seus objetivos a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Para a consecução desse objetivo, e a convite da Casa de Rui Barbosa, esteve no Rio, em 1954, o Professor Sever Pop que ministrou um curso, a partir do qual se esperava que surgissem pessoas interessadas em desenvolver pesquisas dialetológicas, o que não ocorreu.

O professor Antenor Nascentes, outro dos precursores da Geografia Linguística no Brasil, publicou as “Bases para Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil”, em duas partes. A primeira, em 1958 e a segunda, em 1961. Nesses trabalhos, o autor apresenta diretrizes gerais para a escolha de localidades, de informantes e para a elaboração do questionário linguístico, e propõe, muito claramente, a elaboração de atlas regionais, argumentando que:

Embora seja de toda vantagem um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país, para que o fim não fique muito distanciado do princípio, os Estados Unidos, país vasto e rico e com excelentes estradas, entregou-se à elaboração de atlas regionais, para mais tarde juntá-los no atlas geral.

Assim também devemos fazer em nosso país, que é também vasto e, ainda mais, pobre e sem fáceis vias de comunicação.¹

Em 1957, os professores Serafim da Silva Neto e Celso Ferreira da Cunha, no III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, em Lisboa, apresentaram a ideia de um Atlas Linguístico-Etnográfico do Brasil, por regiões, tarefa que agora começa a ser cumprida, com a pesquisa do Atlas Linguístico do Brasil - AliB.

Por não termos, em nosso país, dados técnicos confiáveis definindo as características da língua portuguesa falada em todo o território nacional, a realização do Atlas Linguístico do Brasil é tarefa importante e urgente.

A propósito, Amadeu Amaral nos fala sobre o chamado dialeto brasileiro, que até a época de sua publicação, não se sabia muito o que era. Em suas palavras:

Fala-se muito num “dialeto brasileiro”, expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialeção, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados.²

Os estudos dialetais realizados no passado, analisando, principalmente, as diferenças lexicais, e os estudos de natureza monográfica, abrangendo uma determinada área, a exemplo dos trabalhos de Amadeu Amaral, Antenor Nascentes e Mário Marroquim, entre outros, têm o caráter introdutório ou exploratório das características específicas dessas áreas e regiões estudadas. Apesar da importância desses trabalhos, eles não abrangem todas as áreas dialetais do país sendo necessária, assim, uma descrição mais ampla e sistemática, recobrando todo o território nacional, a fim de que se tenha uma visão de conjunto dessa realidade linguística do País.

Mário Marroquim, em seu trabalho, já dizia que o estudo do dialeto brasileiro ainda não tinha sido feito, afirmação que nos parece, em pleno século vinte e um, estar perfeitamente atualizada. Diz ele:

Não está ainda feito o estudo do dialeto brasileiro. A enorme extensão geográfica em que o português é falado no Brasil dá a cada região peculiaridade e modismos desconhecidos nas outras, e exige, antes da obra integral que fixe e defina nossa diferenciação dialetal, trabalhos parcelados, feitos com critério e honestidade, sobre cada zona do país.³

1 NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do Atlas linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958, p.7.

2 AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 2.ed. São Paulo: Huicitec/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, p. 43.

3 MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste*. Curitiba: HDLivros, 1996, p.9.

Portanto, como se vê, o primeiro movimento para a elaboração de um atlas linguístico do Brasil começou com trabalhos monográficos isolados tendo se iniciado oficialmente em 1952, quando, através do Decreto nº. 30.643, Art. 3º. de 20 de março, determina-se como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a *elaboração do atlas linguístico do Brasil*. Tal determinação foi regulamentada pela Portaria nº 536, de 26 de maio do mesmo ano, a qual, ao baixar instruções referentes à execução do decreto de criação do Centro de Pesquisas Casa de Rui Barbosa, estabeleceu como finalidade principal, entre as pesquisas a serem planejadas, a própria elaboração do atlas linguístico do Brasil.

A partir desse breve histórico podem-se destacar alguns aspectos importantes, entre eles: a) a ideia da elaboração de um atlas linguístico do Brasil; b) a produção de atlas regionais, como passo importante para a consecução do atlas nacional e c) a tentativa de criar princípios gerais, parâmetros nacionais, para, sem uniformizar, tornar a tarefa coordenada em nível nacional.

As condições históricas, geográficas, políticas e sócio-econômico-culturais do país são marcadamente diferentes daquelas dos idos de 1950, quando os pioneiros da Geolingüística pretendiam iniciar a tarefa para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.

Naquele momento, a população, segundo o censo de 1950⁴, atingia a cifra de 51.944.397 habitantes, dos quais 33.161.506 se situavam nas zonas rurais e apenas 18.782.891 estavam estabelecidos nas zonas urbanas, ou seja, aproximadamente 63% da população encontrava-se no campo e apenas 37% nas grandes cidades, o que revela a maior concentração demográfica fora dos centros urbanos. Os meios de comunicação — rádio, televisão, telefone — tinham um perfil muito tímido naquele período. A extensão da rede de estradas de ferro em tráfego alcançava 36.681 km. As rodovias se estendiam por 341.035 km. As empresas aéreas civis⁵ atingiam em 1952 um percurso de 96.600.775 km e a navegação marítima e a fluvial apresentavam um movimento de 406 embarcações em tráfego. Decorridos mais de cinquenta anos, a situação do país, no tocante a esses mesmos itens, é bem diferente, conforme dados do censo de 1991.

Os limites geográficos, históricos, políticos e sócio-econômico-culturais praticamente desapareceram face à invasão de informações universais e simultâneas aos acontecimentos transmitidas pelo rádio, a televisão e à informática; na mobilidade social, seja por obrigação de trabalho, seja pelo lazer, que faz de cada comunidade umpequeno universo e de cada cidadão um homem sem fronteiras; na política econômica de fomento ao turismo — fonte moderna de captação de recursos explorada por ricos e pobres —, que põe em contato diuturnamente populações, costumes e usos linguísticos diferenciados;

4 Os dados estatísticos referidos foram extraídos do *Anuário Estatístico do Brasil - 1954. Ano XV*. Rio de Janeiro, IBGE-Conselho Nacional de Estatística, 1954 e do *Anuário Estatístico do Brasil - 1993*. Rio de Janeiro, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, 1993.

5 Os dados referem-se ao ano de 1952.

nos avanços tecnológicos, que encurtam as distâncias e aproximam os povos. O mundo moderno transforma-se numa grande velocidade; é o fenômeno da globalização.

O Brasil, nos últimos cinquenta anos, como não poderia deixar de ser, também sofreu todas essas mudanças. Mudou a configuração demográfica do país com maior concentração da população nos grandes centros urbanos e com o esvaziamento das áreas rurais, trazendo consequências, também, para a linguagem. Todos esses fatos mostram a necessidade premente de identificar, registrar, descrever e catalogar a realidade linguística brasileira, antes que as marcas diatópicas, diastráticas, diageracionais, diassexuais e diafásicas se percam ou sejam absorvidas ou pasteurizadas pelos meios de comunicação de massa.

2. Os Atlas Linguísticos brasileiros

2.1 Atlas Estaduais Elaborados

Como resultado dessas pesquisas a partir de projetos específicos de Atlas, ou em forma de Teses e Dissertações, o Brasil já possui um número considerável de Atlas Linguísticos estaduais publicados ou realizados: **Atlas Prévio dos Falares Baianos** (1963), **Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais** (1977), **Atlas Linguístico da Paraíba** (1984), **Atlas Linguístico de Sergipe** (1987), **Atlas Linguístico do Paraná** (1994), **Atlas Linguístico de Sergipe II** (2002), **Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Pará** (2004), **Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul**. (2007). **Atlas Linguístico do Paraná II** (ALPR – (2007); **Micro Atlas-Fonético do Estado do Rio de Janeiro** (Micro AFERJ- (2008). **Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás** (ALG - 2013). **Atlas Linguístico do Estado do Ceará** – (2010); **Atlas Linguístico do Amazonas** (2004); **Atlas Linguístico de Goiás: Léxico-Fonético** (2015).

2.2 Atlas Regionais e Municipais

Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina (EALLO); Atlas Linguístico Rural da Zona da Mata de Minas Gerais – Brasil: Nomes de Doenças Agropecuárias e Hortaliças; Atlas Linguístico de Adrianópolis; Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS); Atlas Linguístico de Ponta Porã; Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC; Atlas Linguístico do Litoral Potiguar (ALiPTG); Atlas Linguístico de São Francisco do Sul (ALSFS); Atlas Linguístico Rural de Pinheiral (RJ); Atlas Linguístico de Iguatu (ALiG); Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco (ALMASPE); Atlas Semântico-Lexical do Litoral Norte de São Paulo; Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná (ALERO); Atlas Linguístico do Baixo Amazonas (ALBAM); Atlas Linguístico de Buíque (ALiBui); Atlas Léxico-Semântico de Capistrano-CE (ALiCA); Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente (AGeLO); Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar; Atlas Semântico Lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT); Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná; Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara; Atlas Linguístico da

Ilha de Santa Catarina; Atlas Linguístico de Adrianópolis, Atlas Linguístico da Ilha de Marajó, Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar. Atlas Linguístico do Litoral Paulista. Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso. Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ilha Bela, São Sebastião e Ubatuba, Municípios do Litoral Norte de São Paulo; Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul.

2.3 Atlas em Fase de Elaboração

Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA); Atlas Etnolinguístico do Acre (ALAC); Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA); Atlas Linguístico do Piauí (ALiPI); Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALiRN); Atlas Prévio do Espírito Santo (APES); Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro (ALiSon-Rio); Atlas Linguístico do Estado de São Paulo (ALESP); Atlas Linguístico do Amapá (ALAP); Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO); Atlas Linguístico de Alagoas.

Assim, apesar dos pesares, o sonho de Antenor Nascente e Serafim da Silva Neto vai aos poucos sendo realizado, prevendo-se sua completa realização com o Atlas Linguístico do Brasil, em fase adiantada de elaboração.

Todo este quadro atual do país requer o conhecimento sistemático e geral da realidade linguística brasileira, especialmente no que diz respeito à oferta de subsídios para um ensino da língua portuguesa que leve em conta o caráter multilinguístico, multissocial e multicultural do país. A Dialetoлогия brasileira, neste início de milênio, tem as condições técnicas para a realização dessa tarefa, através da realização do Atlas Linguístico do Brasil.

Pode-se entender, assim, que esses fatos constituíram uma indicação de que o momento certo para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil chegara.

Além disso, faz-se necessária uma visão multidimensional da língua do país, não apenas para a demarcação dos espaços geolinguísticos, mas para que se possa também oferecer dados e informações para um melhor relacionamento entre a realidade sócio-linguístico-cultural de cada uma das áreas nacionais e o ensino da língua materna que nelas se processa.

3. Os modernos Atlas Linguísticos

A Dialetoлогия atual não produz apenas resultados geolinguísticos, como nos tradicionais atlas linguísticos que apresentavam dados *monodimensionais*, *monostráticos*, *monogeracionais* e *monofásicos*, no dizer de Elizaincín e Thun, mas produz informações sobre a variação linguística em diferentes dimensões - a diatópica, a diastrática, a diageracional, a diassexual e a diafásica. Pois, como afirmam Thun, Forte e Elizaincín:

[...] el Atlas lingüístico tiene la obligación y es además capaz de dar una imagen de la multidimensionalidad y de las interrelaciones de los fenómenos variacionales.⁶

Os atlas lingüísticos podem ser classificados em três fases diferentes:

a) Os de **primeira geração** que têm como objetivo principal apresentar a diversidade de usos e a sua distribuição espacial, o que permite apenas análises do ponto de vista puramente lingüístico. Os atlas são, assim, um conjunto de cartas, algumas vezes acrescidas de notas que trazem informações sócio-lingüístico-culturais, mas sem apresentarem interpretação de dados.

b) Os atlas de **segunda geração** que apresentam, além das cartas lingüísticas, comentários, análises e interpretações dos fenômenos observados.

c) Os atlas de **terceira geração**, que apresentam os dados considerados tradicionais nas cartas, acrescenta-lhes informações sonoras, acústico-articulatórias, da voz do informante, relacionando-as simultaneamente com o ponto da rede onde se situa o falante. Esse tipo de Atlas pode mostrar, ainda, via *Internet*, as cartas com a localização das localidades, dos informantes e as ocorrências registradas. São os atlas totalmente informatizados, chamados “falantes”. Um Atlas desse tipo é o *Atlas Linguistique de La Corse*, coordenado por Jean Philippe Dalbera.

Suzana Alice Cardoso, Diretora e Presidente do Comitê Nacional do Projeto ALiB, na apresentação do projeto diz:

O Atlas Lingüístico do Brasil, ao tempo em que prioriza a identificação espacial dos fenômenos, se propõe não só manter sob controle certas variáveis sociais dos informantes, como também fornecer comentários e estudos interpretativos que acompanharão as cartas e, ainda, tentar estabelecer, via Internet, um sistema de consulta à distância que faculte ao leitor o conhecimento de formas ou usos lingüísticos e também lhe dê a possibilidade de ouvir, de viva voz, as realizações daquela área cartografada e selecionada para audição. Do ponto de vista da orientação teórica, pretende ser o ALiB um atlas de terceira geração, reunindo, assim, às informações lingüísticas cartografadas, estudos e comentários às cartas e oferecendo as facilidades de acesso aos dados vivos por meio do que os franceses identificam como um atlas *informatisé et parlant*.⁷

6 THUN, H. et al. El atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU). Presentación de un Proyecto. *Iberorománica*, 3. Tübingen, 2662, 1989, p. 28.

7 CARDOSO, S A. M. et al. Op. cit. p. 13.

4. O Projeto do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB

Todos os estudos realizados, atlas elaborados, publicados, em desenvolvimento, cursos, conferências, apresentações em Congressos no Brasil e no exterior, constituíram passos firmes e seguros para que finalmente, depois de mais de sessenta anos da emissão, pelo governo brasileiro, do Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952, regulamentado pela Portaria nº 536 de maio do mesmo ano, foram iniciadas as pesquisas para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, hoje uma realidade não só viável, mas concreta.

O Comitê Nacional foi criado no final de 1996 com o objetivo de elaborar o Projeto e conduzir a realização da pesquisa para o Atlas Linguístico do Brasil. Esse Comitê foi constituído por professores e pesquisadores de Universidades brasileiras, sob a coordenação da professora Suzana Alice Cardoso, da Universidade Federal da Bahia, Maria do Socorro Silva de Aragão, das Universidades Federais da Paraíba e do Ceará, Vanderci de Andrade Aguilera, da Universidade Estadual de Londrina, Mário Roberto Zágari, da Universidade Federal de Juiz de Fora, Cléo Altenhofen, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Jacyra Mota, da Universidade Federal da Bahia, Abdelhak Razky da Universidade Federal do Pará e Aparecida Negri Isquerdo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Cada membro do Comitê é Diretor Científico, e responsável por determinadas áreas. No meu caso, sou responsável pela PB, RN, CE, PI e MA. Em cada estado há uma coordenação e uma equipe local .

O Comitê vem se reunindo sistematicamente, para traçar as diretrizes, métodos e técnicas a serem utilizadas e para o treinamento dos pesquisadores. Para isso, foram realizados dez Workshops, além de trinta e nove reuniões de trabalhos do Comitê Nacional, em diferentes cidades do país.

4.1 Objetivos do ALiB

Os objetivos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil definem-se como gerais e específicos.

4.1.1 Objetivos gerais

- Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas, diastráticas e diageracionais (fônicas, inclusive prosódicas, morfossintáticas, léxico-semânticas), consideradas na perspectiva da Geolinguística pluridimensional;
- Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos e das demais áreas dos estudos linguísticos), aos pesquisadores de áreas afins (História, Antropologia, Sociologia) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto para o 1º e 2º graus, professores)

subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.

4.1.2. Objetivos específicos

- Descrever a realidade linguística do português do Brasil com vistas a identificar fenômenos fonéticos, morfossintáticos, lexicais, semânticos e prosódicos característicos da diferenciação ou definidores da unidade linguística no território nacional;
- Estabelecer isoglossas, com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados;
- Registrar, com base na análise em tempo aparente, processos de mudança;
- Identificar fenômenos linguísticos localizados e específicos de áreas com vistas a estudar as suas repercussões no ensino-aprendizagem da língua materna;
- Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento — história, sociologia, antropologia —, com vistas a fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil;
- Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um imenso volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes que enformam a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio da variante culta;
- Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.⁸

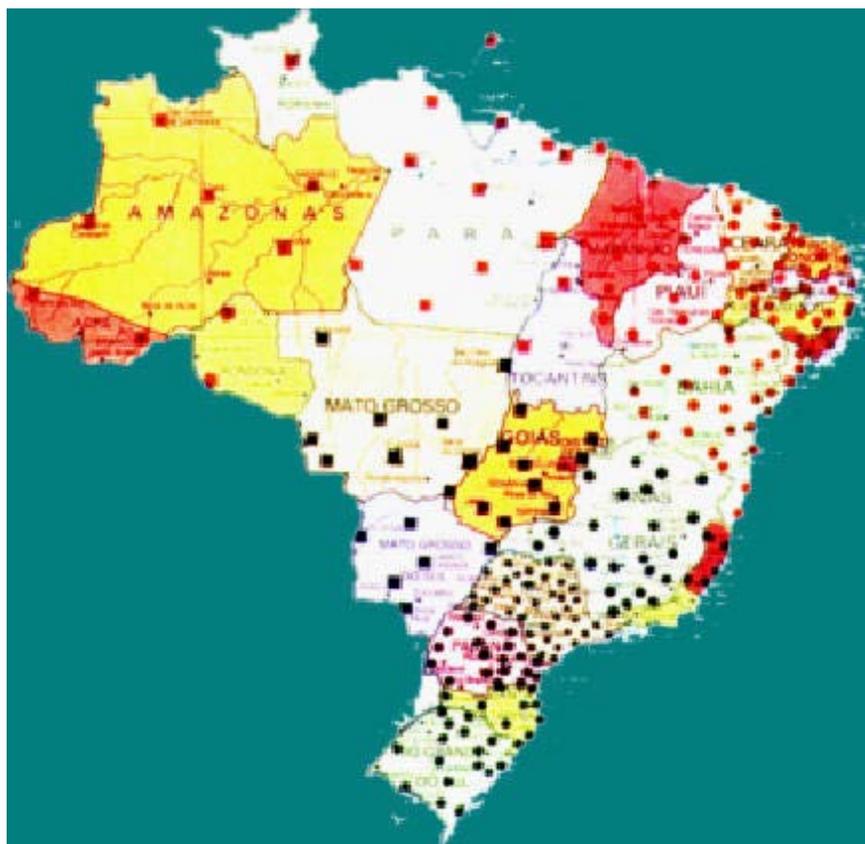
8 CARDOSO, S. A. M. et al. Op. cit. p. 11.

4.2 Estrutura da pesquisa do ALiB

A pesquisa para o ALiB tem as seguintes orientações:

- **Informantes**
 - Número de Informantes: 1.100
 - Faixas Etárias: 18 a 30 anos
 - 50 a 60 anos
- **Sexo: masculino e feminino**
 - Nível de instrução: no máximo a 8ª.série do fundamental e nível superior, nas Capitais.
- **Localidades**
 - Número total: 250
 - Região Norte: 24 pontos
 - Região Nordeste: 78 pontos
 - Região Sudeste: 80 pontos
 - Região Sul: 44 pontos
 - Região Centro-Oeste: 24 pontos
- **Questionários**
 - Semântico Lexical, com 15 áreas semânticas e 207 questões
 - Morfossintático, com 121 questões
 - Fonético-fonológico, com 159 questões, seguido de 11 questões de prosódia.
 - Pragmático, com 05 questões
 - Temas para discursos semi-dirigidos, 04 temas
 - Parábola para leitura

Rede de Pontos do ALiB



Foram realizados inquéritos experimentais em todas as regiões, discutidas as dificuldades e reformuladas algumas das questões, a partir dos problemas encontrados.

As pesquisas para a realização dos inquéritos definitivos foram iniciadas em março de 2001. Já foram realizados todos os inquéritos das capitais e do interior do país. Os inquéritos das capitais estão transcritos grafemática e foneticamente.

Considerações finais

Pelo que se pode observar, a partir da rápida análise acima realizada, num país como o Brasil, com 26 estados e o distrito Federal, é muito pouco o que foi realizado ou está sendo realizado, no que concerne à Geografia Linguística.

Tal fato tem se refletido negativamente no ensino da Língua Portuguesa em nosso país, por não haver, em termos de variantes diatópicas e diastráticas, um conhecimento da realidade linguística regional e nacional.

Contudo, teses, dissertações, trabalhos monográficos e apresentações em Congressos nacionais e internacionais, analisando os mais diferentes aspectos da língua portuguesa no Brasil, com enfoques dialetal e sociolinguístico, têm surgido com grande frequência no momento atual, mostrando que a Dialectologia, antes vista como área

menos nobre da linguística, está tendo papel dos mais relevantes no âmbito dos estudos linguísticos em nosso país.

Assim, a realização das pesquisas para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, será, sem qualquer dúvida, um marco na história dos estudos dialetais e geolinguísticos em nosso país. A concretização de tal empreitada pode ser assegurada por fatores de dois tipos:

- **Infraestrutura e vontade política**
 - O país atualmente oferece as condições de transporte e infraestrutura para que se possa cruzá-lo de norte a sul e de leste a oeste;
 - Há a vontade política das Universidades para apoiar tal tipo de pesquisa;
 - Os diversos segmentos das áreas de Letras e Linguística do país estão convencidos da importância e da necessidade da realização da pesquisa.
- **Condições técnicas**
 - Há, em diferentes universidades brasileiras, pessoas competentes e dispostas a realizarem o trabalho para a elaboração do Atlas Linguístico;
 - Há bibliografia com trabalhos teóricos e práticos de Dialetologia e Geolinguística, não apenas estrangeira, mas, acima de tudo, nacional que podem fornecer o apoio documental de que se necessita;
 - O país já conta com um sistema de computação e informação via internet, que permite a realização de um Atlas de terceira geração, como pretende ser o AliB.
- **O Atlas Linguístico do Brasil: Volumes Publicados**

Em novembro de 2014, na Universidade Estadual de Londrina – PR foram lançados os dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil, com dados das capitais do país.

O Primeiro volume, com 210 páginas, contém a Apresentação, seis artigos que relatam a História do Atlas Linguístico do Brasil; O Atlas Linguístico do Brasil no Quadro da Geolinguística Brasileira; A Rede de Pontos; Percursos Metodológicos: Questionários e Informantes; A Metodologia e sua Aplicação no Campo; A Cartografia dos Dados, além de Referências, Instrumentos Metodológicos e Apêndices.

O Segundo Volume, com 357 páginas, contém uma parte introdutória com as orientações sobre as Localidades, os Informantes, os Inquiridores e a Organização das Cartas. A seguir vêm 10 Cartas Introdutórias e as Cartas Linguísticas, sendo 46 Fonéticas, com comentários; 107 Cartas Semântico-Lexicais, com comentários e 07 Cartas Morfosintáticas, com comentários.

Referências

AGUILERA, Vanderci de A. **Atlas linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná / Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1994/1995.

AGUILERA, Vanderci de A.(Org.) **A geolinguística no Brasil** - caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**.2.ed. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.*Anuário Estatístico do Brasil - 1954. Ano XV*. Rio de Janeiro, IBGE-Conselho Nacional de Estatística, 1954.

Anuário Estatístico do Brasil - 1993. Rio de Janeiro, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, 1993.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de e MENEZES, Cleusa P.B. **Atlas linguístico da Paraíba**. Cartas léxicas e fonéticas. V. 1. Brasília: CNPq/UFPB, 1984.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de e MENEZES, Cleusa P.B. **Atlas linguístico da Paraíba**. Análise das formas e estruturas linguísticas encontradas. V. 2. Brasília: CNPq/UFPB, 1984.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. La situation de la géographie linguistique au Brésil. In: **Geolinguistique**, vol. III, 1987. Grenoble: Université Stendhall - Grenoble III.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Bibliografia dialetal brasileira**. João Pessoa: UFPB, 1988.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Avaliação de procedimentos metodológicos nas entrevistas definitivas: os questionários. In: AGUILERA, V.de A.; MOTA, J.; MILANI,G.A.L. (orgs.). **Documentos I**. Atlas linguístico do Brasil. Salvador: ILUFBA/EDUFBA, 2004, p. 63 a 69.

_____. Técnicas de transcrição fonética. In: AGUILERA, V.de A.; MOTA, J.; MILANI,G.A.L. (Orgs.). **Documentos I**. Atlas linguístico do Brasil. Salvador: ILUFBA/EDUFBA, 2004, p.105 a 124.

MILANI,G.A.L.Os estudos geolinguísticos no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB. In: MOTA, J.;CARDOSO,S.A.M. (Orgs.). **Documento II**.Atlas linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 35 a 66.

MILANI,G.A.L. As variantes de natureza palatal no português do Brasil: descrição e transcrição. In: MOTA, J.;CARDOSO,S.A.M. (Orgs.). **Documento II**.Atlas linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p.147 a 158.

MILANI,G.A.L. O atlas linguístico do Brasil no quadro da geolinguística brasileira. In: CARDOSO, S.A.M. et al. **Atlas linguístico do Brasil**, V.1. Londrina: UEL, 2014, 210 p., p. 31 – 36.

MILANI,G.A.L.; PEREIRA, M. das Neves. Atlas linguístico do Rio Grande do Norte: um projeto em desenvolvimento. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: UEL, 2005, p.285 - 297.

BESSA, José Rogério F. et al. **Atlas linguístico do Ceará**: questionário. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1982.

BESSA, José Rogério F.. **Atlas linguístico do Ceará**: V.1. Introdução. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014.

BESSA, José Rogério F.. **Atlas linguístico do Ceará**:V.1. Cartogramas. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil** . São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, S.A. M.A geolinguística no Brasil: meio século de contribuição à ciência da linguagem e ao ensino da língua materna. **Boletim da ABRALIN**, 23. Florianópolis, 1999, p. 18-34.

CARDOSO, S.A. M.A. et al. **Projeto atlas linguístico do Brasil**. Salvador: UFBA, 2000.

CARDOSO, S.A. M.A et al. **Atlas linguístico do Brasil**, V.1. Londrina: UEL, 2014, 210 p.

CARDOSO, S.A. M.A. et. al. **Atlas linguístico do Brasil**, V.2. Londrina: UEL, 2014, 357 p.

CARUSO, Pedro. Amostra de um inquérito linguístico prévio para o estado de São Paulo. In: **Alfa** 26: 69-77, São Paulo, 1982.

CARUSO, Pedro. **Atlas linguístico do estado de São Paulo**: questionário. Assis: Instituto de Letras, História e Psicologia/UNESP; Prefeitura Municipal de Assis, 1983.

CRUZ, M. L. C. **Atlas linguístico do Amazonas**. Vol. I e II. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado. 2004.

ELIA, Silvio E. **Atlas linguístico da Paraíba** - apresentação. Brasília: CNPq/UFPB, 1984.

FERREIRA, Carlota da S. et al. **Atlas linguístico de Sergipe**. Salvador: Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Carlota da S. **Diversidade do português do Brasil**: estudos de dialetologia rural e outros. Salvador: UFBA, 1988.

FERREIRA, Carlota da S. et CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARROQUIM, M. **A língua do nordeste**. 3.ed. Curitiba: HD Livros, 1996.

NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração de um atlas linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958.

PEREIRA, M. das Neves. **Atlas geolinguístico do litoral potiguar**. Rio de Janeiro, 2007. Tese (doutorado) – UFRJ.

ROSSI, Nelson. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

ROSSI, Nelson **Atlas prévio dos falares baianos**; introdução, questionário comentado, elenco das respostas transcritas. Rio de Janeiro: INL, 1965.

RAZKY, Abdelhak. O Atlas geo-linguístico do Pará: Uma abordagem metodológica. In: AGUILERA, V. DE A. (Org.). **A geolinguística no Brasil**: caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998, p. 155-164.

RAZKY, Abdelhak. Construção de atlas sonoros: procedimentos metodológicos para o ALISPA. In: RAZKY, A. (Org.) **Estudos geo-sociolinguísticos no estado do Pará**. Belém: Gráfica e Editora Grafia, 2003, p.173-183.

RAZKY, Abdelhak. (Org.) **Atlas linguístico sonoro do Pará**. Belém: UFPA/CAPES/UTM, 2004. CD Room.

SILVA NETO, Serafim. **Guia para estudos dialetológicos**. Belém: INPA, 1958.

THUN, H. et al. El atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU). Presentación de un proyecto. **Ibero românica**, 3. Tübingen, 26-62, 1989.

ZÁGARI, Mário Roberto L. et al. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.